Lição 5: O movimento como procedente do agente e no paciente

308. Após mostrar que o movimento é o ato tanto do móvel quanto do movente, o Filósofo agora levanta uma dificuldade sobre este ponto.

Primeiro, ele levanta a dificuldade:

Em segundo lugar, ele a resolve, no parágrafo 314.

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, ele antecipa certos elementos para a dificuldade;

Em segundo lugar, ele constrói a dificuldade, no parágrafo 310.

309. Ele diz, portanto [214], que o que foi dito acima agora causa um "defeito racional", i.e., lógico, ou seja, uma dúvida — em virtude de haver razões prováveis para ambos os lados. Ao introduzir a dificuldade, ele diz que há um ato naquilo que é ativo e há um ato naquilo que é passivo, assim como acima (n. 305) foi afirmado haver um ato do movente e do movido. De fato, o ato do ativo é chamado "ação" e o ato do passivo é chamado "paixão". Ele prova isso dizendo que a obra e o fim de qualquer coisa são seu ato e perfeição; portanto, já que a obra e o fim do agente é a ação e a do paciente é a paixão (ou sofrimento), segue-se que a ação é o ato do agente e a paixão, o do paciente.

310. Então [215] ele desenvolve esta dúvida. Pois é claro que tanto a ação quanto a paixão são movimento; pois cada uma é o mesmo que movimento. Portanto, ação e paixão são ou o mesmo movimento ou movimentos diversos. Se são diversos, então cada um deles deve estar em algum sujeito. Ou ambos estarão no paciente, i.e., na coisa movida, ou um deles (a ação) está no agente e o outro (a paixão) está no paciente. Dizer o oposto, i.e., que o que está no agente é a paixão e o que está no paciente é a ação é falar equivocadamente, ou seria chamar paixão de ação e vice-versa. A quarta possibilidade, a saber, que ambos estão no agente, é omitida, mas isso porque já foi mostrado (ns. 302-303) que o movimento está no móvel, o que exclui a quarta possibilidade de que nenhum esteja no paciente, mas ambos no agente.

311. Das duas possibilidades listadas, ele desenvolve primeiro a segunda [216]. Pois se alguém disser que a ação está no agente e a paixão no paciente, então, já que a ação é um certo

movimento, como foi dito (n. 310), segue-se que o movimento está no movente. Pois a mesma coisa deveria ser verdadeira tanto para o movente quanto para o movido, a saber, que se o movimento está em um ou no outro, ele está sendo movido. Ou então, é verdadeiro para o movente e para o movido o que é verdadeiro para o paciente e para o agente. Ora, se o movimento está em algo, essa coisa está sendo movida; portanto, segue-se ou que todo movente está sendo movido ou que algo tem movimento mas não está sendo movido; cada uma dessas coisas parece irrazoável.

312. Então [217] ele desenvolve a segunda possibilidade dada em 310. Ele diz que se alguém disser que ambos, a saber, ação e paixão, já que são dois movimentos, estão no paciente, o que equivale a dizer que o ensino, que está por parte do professor, e a aprendizagem, que está por parte do aprendiz, estão ambos no aprendiz, então surgem dois conflitos. O primeiro é que, se o que dissemos anteriormente é verdadeiro, a saber, que a ação é um ato do agente, então, se a ação não está no agente, mas no paciente, seguir-se-á que o ato próprio de cada coisa não está na coisa da qual é o ato.

Em seguida, segue outro conflito, a saber, que uma mesma coisa está sendo movida segundo dois movimentos. Pois supõe-se agora que ação e paixão são dois movimentos. Ora, em qualquer coisa em que há um movimento, essa coisa está sendo movida segundo aquele movimento; se então ação e paixão estão no móvel, segue-se que o móvel está sendo movido segundo dois movimentos. Isso equivaleria a ter duas alterações em um mesmo sujeito, ambas especificamente iguais; por exemplo, um mesmo sujeito sendo movido para dois branqueamentos, o que é impossível. Isso não significa que um sujeito não pudesse ser movido por duas alterações que tendem a dois termos especificamente diferentes, por exemplo, branqueamento e aquecimento. No entanto, é claro que ação e paixão terminam no mesmo termo específico; pois o que o agente faz e o que o paciente recebe são uma e a mesma coisa.

313. Então [218] ele desenvolve a outra possibilidade. Pois poderia ser dito que ação e paixão não são dois movimentos, mas um. Mas isso leva a quatro dificuldades. A primeira é que o ato de coisas de espécies diferentes seria o mesmo. Pois já foi apontado (n. 309) que a ação é um ato do agente e a paixão, um ato do paciente, e que estes são especificamente diversos; mas se ação e paixão são o mesmo movimento, então o ato de coisas especificamente diferentes será o mesmo. A segunda dificuldade é que, se ação e paixão são um movimento, então a ação é a mesma que a paixão, de modo que o ensino, que é atribuído ao professor, é o mesmo que a aprendizagem, que está no aprendiz. A terceira dificuldade é que agir seria o mesmo que ser agido, e ensinar seria o mesmo que aprender. A quarta dificuldade que se segue disso é que todo professor estaria aprendendo e todo agente estaria sendo agido.

314. Então [2197] ele resolve a dificuldade. Do que foi estabelecido anteriormente (ns. 304, 306), fica claro que ação e paixão não são dois movimentos, mas um mesmo movimento; pois na medida em que o movimento procede do agente, é chamado "ação", e na medida em que está no paciente, é chamado "paixão".

315. Portanto, nem todos os conflitos que se seguem do primeiro caso, em que se supunha que ação e paixão são dois movimentos, precisam ser resolvidos. Mas resta um a ser resolvido mesmo na suposição de que ação e paixão são um movimento: porque, já que a ação é um ato do agente,

então, se ação e paixão são um movimento, segue-se que o ato do agente está de alguma forma no paciente e, assim, o ato de uma coisa estará em outra coisa. Esta dificuldade remanescente, juntamente com as quatro listadas em 313, deixa cinco a serem resolvidas.

316. Ele diz, em primeiro lugar, que não há nada de errado em o ato de uma coisa estar em outra, pois o ensinar é um ato do professor, um ato que tende continuamente dele para outra pessoa, sem interrupção; portanto, este ato, que é do agente como "de onde" é o mesmo que está no paciente como recebido nele. Mas seria errado se o ato de um fosse o ato do outro exatamente da mesma maneira.

317. Em seguida [220], ele resolve outra dificuldade: a saber, que haveria um único e mesmo ato para duas coisas diversas. E diz que nada impede que um ato pertença a duas coisas, desde que não seja um e o mesmo em aspecto, mas apenas na realidade, como já foi explicado acima (n. 307), quando se apontou que a distância de um para dois e de dois para um é a mesma; e daquilo que está em potência em relação ao agente e vice-versa. Pois, nesses casos, uma mesma realidade é atribuída a duas coisas segundo aspectos diferentes: é atribuída ao agente enquanto é a partir dele, e ao paciente enquanto está nele.

318. As três dificuldades restantes, das quais uma seguia logicamente da outra, ele trata em ordem inversa. Ele resolve primeiro a última dificuldade deduzida, porque é tão evidentemente imprópria. Assim, ele está agora, em terceiro lugar, resolvendo a quinta dificuldade. Ele diz que não é necessário afirmar que quem ensina está aprendendo, ou que um agente está sendo afetado, só porque agir e ser afetado são o mesmo, desde que entendamos que eles não são o mesmo da maneira que vestimenta e roupa são o mesmo (pois estes são o mesmo em movimento), mas da maneira, como dito acima (n. 307, 318), que o caminho de Tebas para Atenas e de Atenas para Tebas é o mesmo, ou seja, sendo o mesmo quanto ao sujeito, mas diferindo quanto à noção. Pois não é necessário que as coisas que são de algum modo as mesmas sejam as mesmas em todos os aspectos; isso é verdade apenas para coisas que são as mesmas em sujeito ou realidade e também em movimento. E, portanto, mesmo concedendo que agir e ser afetado sejam o mesmo, como não são o mesmo em noção, não se seguirá que é o mesmo para um objeto agir e ser afetado.

319. Em seguida [221], ele responde à quarta dificuldade. E diz que, mesmo que o ensinar e a doutrina do aprendiz fossem o mesmo, não se segue que ensinar e aprender sejam o mesmo; porque ensinar e doutrina são termos abstratos, enquanto ensinar e aprender são concretos. Portanto, eles estão sendo aplicados a fins ou a termos que servem de base para a diferença de noção entre ação e paixão. Pois, assim como a distância entre dois pontos é um único e mesmo espaço em abstrato, no entanto, se a aplicamos a dois lugares concretos, não é uma e a mesma, como quando dizemos que há uma distância entre aqui e lá e entre lá e aqui.

320. Em seguida [222], ele responde à terceira dificuldade, destruindo a inferência de que, se ação e paixão são um único movimento, elas são o mesmo. E diz que é necessário afirmar, finalmente, que não se segue que ação e paixão sejam o mesmo, ou que ensinar e aprender o sejam, mas sim que o movimento no qual ambas estão é o mesmo. Esse movimento, de fato, é ação de um ponto de vista e paixão de outro. Pois uma coisa é, quanto à noção, ser o ato de uma coisa como estando nela, e outra é ser o ato de uma coisa como sendo a partir dela. Ora, o movimento é chamado de

"ação" na medida em que é um ato do agente como vindo do agente; é chamado de "paixão" na medida em que é um ato do paciente como no paciente. Assim, fica claro que, embora o movimento do movente e do movido seja a mesma coisa devido ao fato de que o movimento, como tal, abstrai desses aspectos, no entanto, ação e paixão diferem devido ao fato de que esses aspectos estão incluídos em sua significação. Disso também é aparente que, como o movimento abstrai da noção de ação e paixão, ele não pertence nem ao predicamento "ação" nem ao predicamento "paixão", como alguns supuseram.

321. Mas ainda restam duas dificuldades a respeito disso. A primeira é: se ação e paixão são um único movimento e diferem apenas no pensamento, como dito acima (n. 317), parece que não deveriam ser listadas como dois predicamentos distintos, visto que os predicamentos são gêneros das coisas. Em segundo lugar, se o movimento é ação ou paixão, o movimento não será encontrado na substância, qualidade, quantidade e lugar, como dito acima (n. 286), mas apenas na ação e paixão.

322. Para resolver esta questão, deve-se lembrar que o ser é dividido nos dez predicamentos não univocamente, como um gênero em suas espécies, mas segundo os diversos modos de existir. Ora, os modos de existir são paralelos aos modos de predicar. Pois, ao predicar algo de algo, dizemos que isto é aquilo; por isso, os dez gêneros do ser são chamados de "predicamentos".

Ora, toda predicação ocorre de uma de três maneiras. Uma maneira é predicar de um sujeito aquilo que pertence à sua essência, como quando digo "Sócrates é homem" ou "O homem é animal". Segundo isso, toma-se o predicamento de "substância".

Outra maneira é predicar de um sujeito algo que não é de sua essência, mas que, no entanto, inere no sujeito. Essa coisa inerente pode ser atribuída à matéria no sujeito, caso em que se tem o predicamento de "quantidade" (pois a quantidade é propriamente um resultado da matéria; razão pela qual Platão atribuía o "grande" à matéria); ou é atribuída à forma, e neste caso há o predicamento de "qualidade" (razão pela qual as qualidades se fundam na qualidade, como a cor numa superfície e a figura em linhas ou num plano); ou a predicação pode ser devida a uma relação existente entre o sujeito e outra coisa, e assim temos o predicamento de "relação" (pois, quando digo "O homem é pai", não é algo absoluto que se predica do homem, mas uma relação nele com algo exterior).

O terceiro modo de predicar é quando algo exterior ao sujeito é predicado à maneira de denominação; isso permite que até acidentes extrínsecos sejam predicados da substância; mas, no entanto, não dizemos que o homem é brancura, mas que o homem é branco. Ser denominado por algo extrínseco pode ocorrer, geralmente, a todas as coisas de uma maneira ou de outra, e de modo especial naquelas matérias que se referem apenas ao homem.

Falando de modo geral, uma coisa pode ser denominada por algo extrínseco ou segundo a noção de causa ou segundo a de medida. Pois algo é denominado "causado" ou "medido" por causa de sua relação com algo extrínseco. Ora, há quatro gêneros de causas, dois dos quais são partes da essência, a saber, matéria e forma; portanto, qualquer predicação baseada nestes dois pertence ao predicamento de "substância", como quando digo que o homem é racional e o homem é corpóreo. Quanto às outras duas causas, a causa final não causa separadamente do agente; pois o fim é

causa apenas na medida em que influencia o agente. Portanto, a única causa segundo a qual uma coisa pode ser denominada algo com base em algo extrínseco é a causa agente. Consequentemente, quando algo é denominado a partir da causa agente, é o predicamento de "paixão", pois sofrer (*pati*) nada mais é que receber algo de um agente; por outro lado, se a causa agente é denominada algo por causa de seu efeito, tem-se o predicamento de "ação", pois a ação é um ato do agente em direção a outra coisa, como afirmado acima (n. 316).

Em relação às medidas, elas serão intrínsecas ou extrínsecas. Uma medida intrínseca seria o próprio comprimento, largura e profundidade de uma coisa: nesses casos, um sujeito está sendo denominado algo em razão do que lhe é inerente intrinsecamente; portanto, isso pertence ao predicamento quantidade. As medidas extrínsecas são o tempo e o lugar. É o predicamento "quando", sempre que algo é denominado pelo tempo; quando é denominado pelo lugar, é o predicamento "onde" ou o predicamento "situs", que acrescenta ao "onde" a ordem das partes no lugar. Tal ordem das partes não é considerada em relação à medida que é o tempo, pois a ordem das partes no tempo já está implícita na noção de tempo; pois o tempo é o número do movimento segundo a ordem do "antes" e do "depois" [suas partes]. Assim, é através da denominação pelo tempo ou pelo lugar que algo é dito estar "quando" ou "onde".

Há um predicamento especial para os homens. Pois, nos outros animais, a natureza proveu os requisitos para preservar a vida, como chifres para defesa, uma pele grossa e lanosa como cobertura, garras ou similares para se locomover sem dano. Portanto, quando, em razão desse equipamento, os animais são ditos "armados" ou "cobertos" ou "calçados", eles são de algum modo assim chamados não em razão de algo extrínseco, mas de algo intrínseco, que é parte deles. Portanto, tais coisas são referidas ao predicamento de "substância", como seria o mesmo se o homem fosse dito "dotado de mãos" ou "pés". Mas as outras coisas não poderiam ser dotadas ao homem pela natureza, tanto porque seriam inadequadas à sutileza de sua compleição, quanto porque a razão torna o homem capaz de um enorme número de obras, para a execução das quais a natureza não poderia tê-lo dotado de instrumentos específicos. No lugar de todos esses instrumentos, o homem tem a razão, que pode usar para fazer para si as coisas que são intrínsecas a outros animais. Assim, quando um homem é dito armado ou vestido ou calçado, ele é denominado assim em razão de algo extrínseco a ele que não é nem causa nem medida; portanto, é localizado num predicamento especial chamado "hábito". Mas não devemos deixar de notar que este predicamento é usado, em certas matérias, também para outros animais, não na medida em que são considerados em sua natureza, mas na medida em que são colocados a serviço do homem: assim, dizemos que um cavalo é ajaezado ou selado ou armado.

323. Isso torna claro que, embora o movimento seja um, há dois predicamentos que são baseados no movimento, dependendo das diferentes coisas externas segundo as quais as denominações predicamentais são feitas. Pois o agente é uma coisa de onde, como de algo externo, se toma o predicamento de "paixão"; e o paciente é outra coisa, a partir da qual algo é denominado agente. Isso resolve a primeira dificuldade (mencionada em 321).

324. A segunda dúvida é fácil de resolver. Pois a ideia de movimento depende não apenas daquilo que pertence ao movimento na realidade, mas também daquilo que a razão apreende. Na realidade, o movimento nada mais é do que um ato imperfeito, que é uma espécie de início de um ato perfeito naquilo que está sendo movido; assim, naquilo que está se tornando branco, alguma

brancura começou a existir. Mas, para que o imperfeito tenha o aspecto de movimento, é ainda necessário que o entendamos como um meio-termo entre dois: o precedente deles é comparado ao movimento como potência ao ato (donde o movimento é chamado de ato); o consequente é comparado ao movimento como o perfeito ao imperfeito ou como ato à potência, razão pela qual o movimento é chamado de "ato de um ser que existe em potência", como dissemos acima (n. 285). Mas qualquer coisa imperfeita, se não for considerada como tendendo para outra coisa como perfeita, é chamada de termo do movimento e não se terá um movimento segundo o qual algo está sendo movido; como, por exemplo, se algo começasse a se tornar branco e a alteração fosse imediatamente interrompida.

Portanto, quanto ao que há de movimento na realidade externa, o movimento é reduzido, por redução, àquele gênero que termina o movimento, assim como o imperfeito se reduz ao perfeito, conforme foi dito acima (n. 281). Mas, quanto ao que a razão apreende sobre o movimento, ou seja, que ele está no meio-termo entre dois extremos, aqui se introduzem as noções de causa e efeito; porque, para que algo seja reduzido da potência ao ato, requer-se uma causa agente. Sob esse aspecto, o movimento pertence aos predicamentos de "ação" e "paixão", pois esses dois predicamentos baseiam-se nas noções de causa agente e de efeito, como foi dito acima (n. 322).

325. Em seguida [223], ele define o movimento de modo mais particular. Diz que indicamos o que é o movimento tanto em geral quanto em particular — porque, a partir do que foi dito sobre a definição de movimento em geral, fica claro como ele pode ser definido em particular. Pois, se o movimento é o ato do móvel enquanto tal, segue-se que a alteração é o ato do alterável enquanto alterável, e assim por diante para os outros tipos particulares de movimento.

E porque havia uma dúvida se o movimento é um ato do movente ou do móvel, e mostramos (n. 320) que ele é um ato do ativo enquanto dele procede e do passivo enquanto nele está, então, para remover quaisquer dúvidas adicionais, podemos dizer de modo um pouco mais explícito que o movimento é um ato da potência daquilo que é ativo e daquilo que é passivo.

Dessa forma, poderíamos ter dito que construir é um ato do "construtor" e do "construtível enquanto construtível"; o mesmo vale para curar e para outros movimentos.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:53:26 by Admin
Updated 1 October 2026 23:40:20 by Admin